O KAKUJOSHI NI: NUANÇAS DA LÍNGUA JAPONESA

Beatriz Shizuko Takenaga

Jespersen observou que quando uma criança começa a aprender a falar, ela emprega estruturas que assimilou mas não conhece de modo consciente as regras gramaticais [1]. Na aprendizagem da língua materna, todos nós passamos por esse processo natural de assimilação das estruturas. Mais tarde, através da escola, de posse de noções simplificadas de gramática, passamos a ter consciência das regras. Entretanto o fato de termos consciência das regras nem sempre contribui para a assimilação de estruturas mais complexas. Na verdade, o processo que vigorou no início da aprendizagem da língua materna vai continuar pela vida afora. A maioria das pessoas não faz reflexões sobre a língua que fala no dia a dia. As estruturas que são utilizadas ainda são produtos da imitação e repetição de frases ouvidas, como acontece durante a infância. Como conseqüência da ausência de reflexão e da presença do automatismo, muitas pessoas não se dão conta das nuanças e sutilezas de suas línguas maternas. Se um brasileiro, por exemplo, usa a expressão "cerveja estupidamente gelada", outro brasileiro normalmente capta de imediato a mensagem. E ao ser indagado sobre o significado da expressão "estupidamente gelada", o brasileiro certamente diria que é o mesmo que dizer que é bem gelada. Contudo, ao dizê-lo, este mesmo brasileiro provavelmente sentirá que há algo de insatisfatório em sua explicação pois sabe haver uma diferença sutil entre dizer "estupidamente gelada" e "bem gelada"

Na aprendizagem de uma segunda língua, mais especificamente num estágio avançado desse aprendizado, surgem problemas do tipo a que nos referimos anteriormente, ou seja, em certo estágio do aprendizado de uma língua estrangeira, torna-se necessário entrarmos em contato com estruturas que apresentam sutilezas da língua.

No caso do ensino e aprendizagem da língua japonesa no Brasil, o problema referente a nuanças parece muito maior, dada a considerável distância que existe entre o português e o japonês, não apenas quanto à estrutura da língua, mas também quanto à visão do mundo.

---

(1) Renzo Titone, *Psicolingüística Aplicada*, p. 177.

Como consequência das diferenças entre as duas línguas, as sutilezas tornam-se quase impenetráveis como demonstraremos a seguir através de uma amostragem sintética de um estudo do *kakujoshi* NI [2].

EMPREGO DO KAKUJOSHI NI

Existem na língua japonesa, partículas gramaticais indicativas de casos. São chamados *kakujoshi* e podem indicar sujeito, posse, etc.[3].

O NI é um *kakojoshi* e pode ser considerado como um dos mais difíceis, inicialmente pela variedade de casos que indica. Ele pode ser empregado nos seguintes casos:

A. para indicar o lugar onde algo ou alguém está ou existe.
Exemplo:
*Niwa**ni** ikega aru.*
No jardim — um lago — há [4]
/Há um lago no jardim./

B. indica direção e ponto de chegada. Exemplo:
*Ôsaka**ni** iku.*
Para Osaka — vou
/Vou para Osaka./

C. indica a pessoa que dá ou recebe algo. Exemplo:
*Kare**ni** tegamio okuru.*
Para ele — uma carta — vou enviar
/Vou enviar uma carta para ele./

D. o destinatário a quem se dirige determinada ação ou comportamento. Exemplos:
*Inuga tsûkôninn**i** hoeru.*
O cachorro — para os transeuntes — late
/O cachorro late para os transeuntes./
*Eiyu**ni** akogareru.*
Pelos heróis — tenho admiração
/Tenho admiração pelos heróis./

E. indica causa. Exemplo:
*Gan**ni** shinu.*
De câncer — morre
/Morre de câncer./

---

(2) Os exemplos e as explicações a respeito do *kakujoshi* NI foram retirados do *Nihongo Kyôiku Jiten (Encyclopedia of Japanese Language Teaching)* p. 393 e pp. 454-457.

(3) Ver artigo publicado na Rev. **Estudos Japoneses IV**, São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, 1984, p. 50.

(4) Após cada frase que servir de exemplo, haverá duas traduções literais: a primeira seguindo a ordem da língua japonesa, na qual separaremos por hífen, os sintagmas; a segunda tradução estará entre barras (/.../) e obedecerá à ordem natural da língua portuguesa. Isto está sendo feito com o objetivo de mostrar ao leitor, as diferenças estruturais entre o português e o japonês.

F. objeto que resultou de uma transformação. Exemplo:
Misuga kôrini naru.
A água — em gelo — vai se transformar
/A água vai se transformar em gelo./

G. indica o elemento que serve como referência para completar o sentido de um *keiyôshi,* que são palavras que indicam qualidade ou estado e que em japonês são flexionados; os *keiyôshi* quase sempre correspondem aos adjetivos em português.

Exemplo:
Yamani chikai.
Da montanha — é perto
/É perto da montanha./

H. indica o objetivo, a finalidade de uma ação. Exemplo:
Nihone kenkyûni yattekita.
Ao Japão — para pesquisas — veio
/Veio ao Japão para pesquisas./

I. indica tempo. Exemplo:
Shichijini okiru.
Às 7 horas — vou acordar
/Vou acordar às 7 horas./

J. numa oração em que o verbo está na voz passiva, o NI indica a pessoa que exerceu a ação, ou seja, o agente da passiva.

Exemplo:
Kareni nagurareta.
Por ele — foi espancado.
/Foi espancado por ele./

L. indica o agente da causativa. O NI indica a pessoa que pratica uma ação movida por outra pessoa. Exemplo:
Kareni sono shigotoo yaraseta.
Ele — esse trabalho — fiz com que fizesse
/Fiz com que ele fizesse esse trabalho./

A variedade e a quantidade de casos que o *kakujoshi* NI indica já causam problemas na aprendizagem, pelo menos nos primeiros estágios, mas paralelamente a isso ou à medida que esses estágios vão sendo transpostos, outros embaraços mais intrincados vêm à tona, como veremos a seguir.

Em alguns casos, o NI não é o único *kakujoshi* que pode ser empregado. Vejamos quais são esses casos:

NI e DE

O *kakujoshi* NI como já vimos, pode indicar o lugar onde algo ou alguém está ou existe. O DE também é um *kakujoshi* e indica o

lugar onde se realiza uma ação. Via de regra, o NI liga-se a verbos de estado e o DE a verbos de movimento. Mas na realidade seus empregos não estão tão limitados. Exemplos:

(a) *Watashiwa sokoni gomio suteta.*
Eu — aí — o pó — joguei
/Eu joguei o pó aí./

(b) *Watashiwa sokode gomio suteta.*
Eu — aí — o pó — joguei
/Eu joguei o pó aí./

Se nos prendêssemos à regra básica, diríamos que o exemplo (b) estaria correto e o (a) não. Entretanto os dois estão corretos. Na tradução para o português, podemos usar as mesmas palavras mas existe uma sutil diferença entre ambas. O uso do NI na frase (a) implica que em conseqüência da ação de "jogar o pó aí", o "aí" passou a ser o lugar de existência do pó. Já em (b), o *kakujoshi* DE indica apenas o lugar onde se realizou a ação de "jogar o pó", o que não quer dizer que o pó esteja necessariamente aí.

Para destacarmos melhor as diferenças, podemos utilizar o seguinte expediente: com relação à frase (a), poderíamos fazer perguntas como — onde você jogou o pó? — e — onde está o pó?; para a frase (b), a pergunta adequada seria — onde você jogou o pó? — ou melhor — onde você realizou a ação de jogar o pó?.

Já vimos que o NI pode-se ligar a verbos de movimento. Porém em alguns casos não é simples classificar um verbo como sendo de estado ou de movimento. É o que ocorre nos seguintes exemplos:

(c) *Karewa ano beddoni neteiru.*
Ele — naquele cama — está dormindo
/Ele está dormindo naquela cama./

(d) *Karewa ano beddode neteiru.*
Ele — naquela cama — está dormindo
/Ele está dormindo naquela cama./

O ato de dormir sugere imobilidade ou pelo menos pouca mobilidade, se tomarmos como pontos de referência, atos de andar, correr, etc. No entanto, por outro lado, o ato de dormir não deixa de expressar ação, se tomarmos ação no sentido de "ato de fazer alguma coisa".

De qualquer forma, independente da natureza do verbo, o emprego do NI e do DE nas frases (c) e (d) pode ser explicado da mesma forma que fizemos com (a) e (b). Se alguém perguntasse: — Onde ele está? — o exemplo (c) seria a resposta mais correta. Para a pergunta: — O que ele está fazendo? — o exemplo (d) é que seria a resposta mais apropriada.

Em suma, quando um falante nativo usa frases como a (a) e a (c), está enfatizando o lugar e quando usa a (b) e a (d), está enfatizando a ação.

NI e O

Vejamos exemplos em que o NI indica o ponto de chegada ou o destino:

(a) *Karewa ano michi***ni** *itta.*
Ele — para aquela estrada — foi
/Ele foi para aquela estrada./

Agora usaremos a mesma oração, substituindo apenas o NI pelo *kakujoshi* O:

(b) *Karewa ano michi***o** *itta.*
Ele — por aquela estrada — foi
/Ele foi por aquela estrada./

Da permuta dos *kakujoshi,* resultou uma mudança de sentido. O *ano michi* (aquela estrada) que era o ponto de chegada da oração (a), passou na oração (b) a ser apenas o lugar de passagem. É fácil, portanto fazer a distinção, pois o NI e o O estão expressando coisas completamente diferentes — o NI está expressando o ponto de chegada e o O, o lugar de passagem.

Há entretanto casos em que a distinção não é tão clara. Exemplos:

(c) *Watashiwa ano yama***ni** *nobottakotoga aru.*
Eu — aquela montanha — já subi
/Eu já subi aquela montanha./

(d) *Watashiwa ano yama***o** *nobottakotoga aru.*
Eu — aquela montanha — já subi
/Eu já subi aquela montanha./

Também aqui as duas frases podem ser traduzidas com os mesmos vocábulos para o português. O que difere uma da outra é que em (c) o que está sendo salientado é o destino, o ponto de chegada que é o topo da montanha. Evidentemente em (d) também há um ponto de chegada, mas o *ano yama* (aquela montanha) passa a ser o lugar onde se realizou a ação da escalada. O O assemelha-se ao DE nesse ponto (ver NI e DE), mas aquele é usado com verbos que exprimem movimento como andar, correr, escalar, etc. Como existe movimento, o lugar da ação expresso pelo *kakujoshi* O é diferente do lugar da ação expresso pelo DE. O lugar da ação expresso pelo O é sempre o lugar de passagem como vimos no exemplo (b). Assim, mais do que o lugar, o desenvolvimento da ação é que está sendo salientado.

NI e E

De modo geral com verbos que exprimem movimento, os dois *kakujoshi* NI e E são usados igualmente, indicando ponto de chegada e direção. Antigamente a distinção era mais clara. O NI era usado para indicar o ponto de chegada e o E para indicar a direção. Atualmente o NI é usado também para indicar direção e o E, o ponto de chegada. Exemplos:

(a) *Kariga minamino hôni tondeiku.*
Os gansos selvagens — do sul — em direção — voam
/Os gansos selvagens voam em direção ao sul./

(b) *Kimiwa itsu kokoe tsuitano.*
Você — quando — aqui — chegou
/Quando você chegou aqui?/

Há casos em que como tendência geral, usa-se o E:

1) com verbos como "iku" (ir), "dekakeru" (sair), quando ocultos na oração. Exemplo:

(c) *Okusama, kyôwa dochirae.*
Senhora — hoje — aonde
/Para onde hoje, senhora?/

No caso acima, a presença do *kakujoshi* E é necessária para indicar o sentido de direção, já que o verbo não está expresso.

2) quando deseja-se expressar que o objetivo ou melhor o ponto onde se quer chegar está distante. Exemplo:

(d) *Ano umino mukoe ittemitai.*
Daquele mar — para o outro lado — gostaria de ir
/Gostaria de ir para o outro lado daquele mar./

3) para reforçar a idéia de movimento de certos verbos. Exemplo:

(e) *Karewa dadadadato nikaie agatta.*
Ele — apressadamente, fazendo barulho — para o 1º andar — subiu
/Ele subiu apressadamente para o 1º andar./

É conveniente notar que a idéia de movimento não é só reforçada pelo *kakujoshi* E. Existe na frase um termo — *dadadato* — uma onomatopéia, que também contribui tanto quanto ou talvez até mais do que o *kakujoshi* E, para reforçar a idéia de movimento. Esta onomatopéia é primária, isto é, imita o som pelo som [5]. Traduzir uma onomatopéia da língua japonesa é uma tarefa arriscada porque

(5) Stephen Ullmann, *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, p. 175.

os significados nunca são muito precisos. É o tipo de palavra que exige compreensão intuitiva.

4) em orações, onde aparece o *kakujoshi* NI com um sentido que não é nem o de direção nem o de ponto de chegada. Exemplo:

(f) *Watashiwa kyonenno gogatsu***ni** *Nihon***e** *kita.*
Eu — do ano passado — em maio — ao Japão — vim
/Eu vim ao Japão em maio do ano passado./

No sintagma [6] *Nihone* (ao Japão), o *kakujoshi* E poderia ser substituído por NI, sem que isso modificasse o sentido da frase. Mas se assim fosse feito, na oração apareceriam dois NI — um indicando tempo e o outro direção, ponto de chegada. Por uma questão de estilo, é preferível evitar a repetição já que o NI e o E podem ser usados igualmente.

NI e O

O NI pode ser usado para indicar o agente da causativa. Esta também é outra função do O [7]. Assim como em casos anteriores, eles podem ser utilizados com a mesma função mas não exprimirão exatamente a mesma coisa. Exemplos:

(a) *Daredemo ii, otokono ko***o** *hitori ikaseyô.*
Pode ser qualquer um — menino — um — faça com que vá
/Pode ser qualquer um, faça com que um menino vá./

(b) *Daredemo ii, otokono ko***ni** *hitori ikaseyô.*
Pode ser qualquer um — menino — um — faça com que vá
/Pode ser qualquer um, faça com que um menino vá./

Na oração (a) não está se considerando o desejo do menino. Alguém vai fazer com que o menino vá mesmo que não queira. Na oração (b), esse alguém vai fazer com que o menino vá mas de uma maneira mais sutil. O menino será levado a praticar tal ação por sua vontade. A decisão dele será levada em conta, o que não quer dizer que goste ou não do que vai fazer. Além disso, transmite-se a idéia de que esse menino foi escolhido no lugar de outro ou no meio de muitos.

Em algumas orações, mesmo quando o verbo está na voz causativa, o NI não pode ser usado. No lugar dele, usa-se o *kakujoshi* O. Isso ocorre quando:

---

(6) Estamos considerando *sintagma* como "a fusão de elementos mínimos (determinante e determinado) numa unidade lingüística superior" conforme Ferdinand de Saussure. Ver Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa,* Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira S.A.

(7) Não estão sendo apresentados todos os detalhes dos *kakujoshi* surgidos neste artigo. Faremos referência apenas aos casos que tiverem relação com as funções do *kakujoshi* NI.

1) há um objeto inanimado e portanto não tem vontade própria. Exemplo:

(c) *Kurumao hashiraseru.*
O carro — faz correr
/Faz o carro correr./

De acordo com o que dissemos anteriormente, ao ser usado o NI, levou-se em consideração a vontade do agente da causativa. Obedecendo esse raciocínio, é natural não utilizar o NI, já que o carro é um objeto inanimado.

2) o agente da causativa é um ser animado mas seu comportamento muitas vezes independe de vontade própria. Exemplos:

(d) *Otôtoo nakaseru.*
Meu irmão mais novo — faz chorar
/(Alguém) faz meu irmão mais novo chorar./

(e) *Hitoo yorokobaseru.*
Pessoas — alegra
/(Alguém) alegra as pessoas./

3) há algo que impede que o agente da causativa pratique uma ação sozinho. Exemplo:

(f) *Karewa, netsude furafurano watashio arukasetekureta.*
Ele — por causa da febre — debilitado — eu — fez andar
/Ele fez com que eu, debilitado pela febre, andasse./

NI e TO

Outra função do NI, assemelha-se ao objeto indireto em português (ver D). Exemplo:

(a) *Watashiwa kareni sono shashino miseta.*
Eu — para ele — essa fotografia — mostrei
/Eu mostrei essa fotografia para ele./

A ação do exemplo (a) é unilateral, ou seja, seguiria o esquema:

A ——→ B

Há entretanto casos em que ocorre reciprocidade na ação e nesses casos usa-se o *kakujoshi* TO. Exemplos:

(b) *Otôtowa mainichi imôtoto kenkasuru.*
Meu irmão mais novo — todos os dias — com minha irmã mais nova — briga
/Meu irmão mais novo briga todos os dias com minha irmã mais nova./

(c) *Korewa areto chigau.*
Isto — daquilo — difere
/Isto difere daquilo./

Os exemplos (b) e (c) seguiriam o esquema:

A ⇄ B

Também há casos em que é possível utilizar tanto o NI como o TO. Exemplos:

(d) *Watashiwa kareni hanashita.*
Eu — com ele — falei (disse)
/Eu falei com ele./

(e) *Watashiwa kareto hanashita.*
Eu — com ele — conversei
/Eu conversei com ele./

O verbo *hanasu* — que aparece nas orações (d) e (e) flexionado na forma do passado — pode ser traduzido em português como "falar", "dizer" ou "conversar" Em (d) traduzimos o verbo como "falar" porque esse verbo em português exprime melhor a unilateralidade indicada pelo *kakujoshi* NI. Para o falante japonês fica bem clara a idéia de que o emissor (*watashi* = eu) está falando e o receptor (*kare* = ele) está apenas ouvindo. Em (e), utilizou-se na tradução o verbo "conversar" porque este exprime melhor a reciprocidade indicada pelo *kakujoshi* TO. A idéia transmitida é de que o emissor está falando para o receptor e este está ouvindo e também respondendo.

Há outros casos que não são tão facilmente explicáveis. Exemplos:

(f) *Karewa Yamadani atta.*
Ele — com Yamada — encontrou-se
/Ele encontrou-se com Yamada./

(g) *Karewa Yamadato atta.*
Ele — com Yamada — encontrou-se
/Ele se encontrou com Yamada./

A diferença entre as frases (f) e (g) pode ser explicada da seguinte forma: a frase (f) expressa uma situação em que *kare* (ele) foi à casa de Yamada ou ao seu local de trabalho e se encontrou com Yamada; a frase (g) expressa uma situação em que *kare* (ele) se encontrou com Yamada a caminho de um lugar qualquer.

Em outras palavras, na oração (f), *kare* (ele) encontrou-se intencionalmente com Yamada além de ter dado o primeiro passo. Justifica-se o emprego do *kakujoshi* NI porque a ação de *kare* (ele) é unilateral. Em (g), o encontro foi casual e tanto poderíamos dizer que *kare* encontrou-se com Yamada como que Yamada encontrou-se com *kare*. Houve um movimento convergente.

Os casos que foram apresentados até aqui representam apenas uma pequena amostra das sutilezas da língua japonesa. Se quisésse-

mos nos estender mais sobre o assunto — *kakujohi* NI — teríamos uma fonte inesgotável de exemplos, mas pelo que foi mostrado até aqui, podemos observar que a maioria dos exemplos são dificilmente explicáveis e as explicações quase sempre insatisfatórias, talvez porque sejam produtos de pesquisas de teóricos japoneses, o que faz com que nem sempre sejam suficientemente esclarecedoras para estrangeiros.

No terreno das nuanças, uma compreensão completa é praticamente impossível. Nesse sentido não seria exagero dizer que seria preciso ser japonês para compreender as nuanças da língua japonesa, assim como seria preciso ser brasileiro para compreender verdadeiramente o significado da expressão "estupidamente gelada"

Já se disse uma vez que o indivíduo japonês comunica aos outros, sem falar muito; por esse motivo devemos saber explorar as entrelinhas, ou seja, o que se encontra no nível profundo ou subjacente ao discurso [8]. Isso seria necessário para fazer uma análise mais profunda dos exemplos mostrados.

Nas entrelinhas é que se encontra a mensagem viva que vem à tona na forma de linguagem verbal e como o processo em que a linguagem verbal torna-se mensagem ou palavra viva é objeto de estudo da psicolingüística [9], esta ciência seria de fundamental importância para o estudo das nuanças.

BIBLIOGRAFIA

NIHONGO KYÔIKU GAKKAI — *Nihongo Kyôiku Jiten (Encyclopedia of Japanese Language Teaching).* Taishûkan, 1982.

TITONE, Renzo — *Psicolingüística Aplicada: introdução psicológica à didática das línguas.* Trad. Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo, Summus, 1983.

ULLMANN, Stephen — *Semântica: uma introdução à ciência do significado.* Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977 (4ª ed.).

(8) Ver artigo publicado na Rev. *Estudos Japoneses III*, São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP, 1983.

(9) Renzo Titone, *Psicolingüística Aplicada,* p. 24.